

**TECENDO LITERATURA: ENTRE VOZES E OLHARES
(SEGUNDA PARTE)**

**TECENDO LITERATURA: ENTRE VOZES E OLHARES
(SECOND PART)**

**TECENDO LITERATURA: ENTRE VOZES E OLHARES
(SEGUNDA PARTE)**

Isaac Ramos ¹

RESENHA: COELHO, Nelly Novaes; CUNHA, Maria Zilda da; BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana (orgs.). *Tecendo literatura: entre vozes e olhares*. São Paulo: Humanitas, 2014. 542 p.2

RESUMO: (Resenha) COELHO, Nelly Novaes; CUNHA, Maria Zilda da; BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana (orgs.). *Tecendo literatura: entre vozes e olhares*. São Paulo: Humanitas, 2014. 542 . (A primeira parte da resenha foi publicada na Literartes n. 3, 2014.)

ABSTRACT: (Review) COELHO, Nelly Novaes; CUNHA, Maria Zilda da; BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana (orgs.). *Tecendo literatura: entre vozes e olhares*. São Paulo: Humanitas, 2014. 542 pages. (The first part of the review was published in Literartes magazine, n. 3, 2014).

RESUMEN: (Reseña) COELHO, Nelly Novaes; CUNHA, Maria Zilda da;

1 Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP. Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat). Poeta e ensaísta. E-mail: isaacramos3@yahoo.com.br

2 A primeira parte da resenha foi publicada na Literartes n. 3, 2014.

BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana (orgs.). *Tecendo literatura: entre vozes e olhares*. São Paulo: Humanitas, 2014. 542 . (La primeira parte de la reseña ha sido publicada en Literartes n. 3, 2014.)

PALAVRAS-CHAVE: Resenha; estudos de literatura; Lúcia Góes.

KEYWORDS: Book review; literature studies; Lucia Goes.

PALABRAS CLAVE: Reseña; estudios de literatura; Lúcia Góes.

O livro *Tecendo literatura: entre vozes e olhares* (2014), organizado por Nelly Novaes Coelho, Maria Zilda da Cunha e Maria Auxiliadora Fontana Baseio, pelo fato de possuir 542 páginas e trazer 39 autores diferentes, foi preciso resenhá-lo em duas partes. Nesta resenha serão abordados os dezenove últimos capítulos. Essa publicação, que saiu pela Editora Humanitas, é um livro homenagem à escritora e professora Lúcia Pimentel Góes e reúne uma coletânea de textos teóricos, analíticos, voltados à área de infantil e às áreas de literatura portuguesa, literatura brasileira, teatro, literatura comparada e estudos comparados de literaturas de língua portuguesa.

O vigésimo primeiro capítulo, denominado “Livro de imagem: quando a ilustração se faz dona da palavra”, de Maria Laura Pozzobon Spengler, apresenta um interessantíssimo mapeamento sobre as publicações brasileiras que abordam o tema. Mesmo diante de variados autores, alguns nomes de ilustradores/escritores se repetem como Eva Furnari, Ângela Lago e Juarez Machado. Merece uma leitura atenta por se tratar de um tema tão caro ao livro infantil e que nem sempre é devidamente esmiuçado pelos estudiosos.

A utilização de conector/relatores de sentido, processos de nominalização, pronominalização e construção da coerência são abordagens linguísticas utilizadas no texto “Referenciação, interdiscursividade e (re)construção de sentido na fábula de Millôr Fernandes”, de Maria Valéria Aderson de Mello Vargas. A fábula *O leão e o rato* de Millôr Fernandes é o objeto de estudo.

No vigésimo terceiro, Marlene Teixeira, em “Uma reverência sem a devida curvatura”, utiliza-se de uma metáfora do cultivo de oliveiras para fazer reflexões acerca de sua experiência de leitora. Afirma: “Eu busco caminhos de

ver. Melhor ainda é entrever. Ir abrindo a janela e, além do muro costumeiro, saber coisas” (p. 303). Após apresentar os dez fatores estruturantes da narrativa, a partir de estudos de Nelly Novaes Coelho, faz uma interessante análise do livro *Girafa e O Medo do Palmo* (1987), de Lúcia Góes. Destaque para os diálogos críticos que antecedem à análise.

Em “A interação nas personagens do mundo mágico de Marina Colasanti”, de Monica S. Silva de Palacios, há uma tessitura consistente de textos teóricos da Literatura Infantil e Juvenil com a Linguística Sistêmico-Funcional. O resultado se reflete em uma cirúrgica análise das obras *Doze reis e a moça no Labirinto do Vento* e *Ana Z. Aonde vai você?* Nela procura “estudar e analisar (...) a negociação de papéis, de identidades, de relações e até do poder entre os protagonistas da história” (p. 317).

Nelly Novaes Coelho comparece com um diálogo crítico entre obras e filósofos do mundo ocidental no ensaio “Cultura e arte em tempo-de-mutação Apocalipse ou Gênese?”. Observa que estamos “entre um *Sistema herdado* (...) e uma *nova Cultura* em processo (cuja verdadeira natureza ainda é ignorada)” (p. 325). Assevera que perguntas como: “Quem é o Homem?” “Quem sou eu?” “Quem é o outro?” Sem dúvida, é essa a questão radical que energiza toda a criação artística /literária/poética/teatral... nestes “tempos de cólera”... É também o eixo-motriz da filosofia existencial” (p. 329). Intensa e profunda reflexão crítica feita pela professora Nelly sobre um tema contemporâneo.

Um dos elementos fundamentais para a sobrevivência do homem comparece em “Água água água palavras”, de Nery Nice Biancalana Reiner. Próprio da natureza, a autora incorpora no tecido crítico poético textos de Manoel de Barros, Guimarães Rosa e Ruy Cinatti “que fazem surgir ‘milnuances’ na tela, deixando a Floresta Amazônica, a luxuriante flora do Pantanal e de Timor Leste registrados para sempre” (p. 344). Trata-se de uma vazante crítica que embala os textos literários com uma carga simbólica, filosófica e metafórica.

Em “Arte e mercado na contemporaneidade: Simão Bacamarte visita o século XXI”, de Patrícia Kátia da Costa Pina, ela analisa a adaptação em qua-

drinhos de *O Alienista*, feita por César Lobo (Arte) e Luiz Antonio Aguiar (roteiro) dizendo que “cristaliza na linguagem híbrida desse tipo de produção impressa a convivência loucura/sanidade na personagem Simão Bacamarte” (p. 353). Interessantes reflexões são apresentadas mostrando que as HQ (Histórias em Quadrinhos) podem servir como porta de entrada para a literatura.

Um estudo interessante é a abordagem que Paulo Motta Oliveira faz no texto “De Garret a Ferreira de Castro: alguns *brasileiros*”. Mostra “personagens (...) portuguesas pobres que, sem saída em seu país, vem para o Brasil em busca de oportunidades que não poderiam ter em Portugal” (p. 365). Apresenta em livros como *Ouro e Crime! Mistérios de uma fortuna ganha no Brasil* (1855), de um autor raramente referido, Eduardo Tavares. Cita um romance inacabado de Garret: *Helena*, que traz certo Visconde de Itahé, português que para aqui veio.

Passa por Camilo Castelo Branco com *Os brilhantes* (1869). Chega a Ferreira de Castro, com *A selva* (1930). Para ter melhor dimensão, comprova com Basílio, personagem conhecidíssimo de Eça de Queiroz. Mesmo não conhecendo os demais se pode ter uma ideia do que eles aprontam.

A poética visual de Marta Barros é apresentada apontando semelhanças com o trabalho de Juan Miró. Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini trata disso em “Diálogos entre *Poeminha em língua de brincar* e Miró”. Marta que começou a ilustrar alguns livros do pai, o poeta Manoel de Barros, a partir do final da década de 90 e depois passou a ser a principal ilustradora. São bem recentes as considerações críticas sobre essa artista. Mérito da autora desse vigésimo nono capítulo.

O capítulo seguinte denomina-se “*Flecha Azul*, de Lúcia Pimentel Góes: transformações, enfrentamentos, travessias”, de Regina Silva Michelli. Ela observa que se trata de um livro paradidático, publicado em 1985. *Flecha Azul* é o nome de uma canoa que “adquire experiência ao ouvir as histórias, transformando-se não só em uma ‘voadeira conhecedeira de causos’, com em uma ‘contadeira de causos’ ” (p. 390).

O primeiro livro de Saramago destinado às crianças é analisado por Renata Beatriz Brandespin Rolon, no texto “A maior flor do mundo: metalinguagem e visualidade na literatura infantil-juvenil de José Saramago”. A estudiosa destaca o perfeito resultado de combinação entre texto e imagem, dando destaque ao ilustrador João Caetano, que não busca a referencialidade do que está posto e que a narrativa *saramaguiana* coloca o leitor dentro do processo de criação. “No encontro com a flor, está a metáfora da vida da literatura, por isso, de forma metalinguística, o livro de José Saramago constituiu-se de momentos que possibilitam ao leitor acompanhar o enfrentamento do autor com o texto a fim de perceber seu endereçamento” (p. 416).

Ricardo Azevedo traz “Letras de samba, modelos de consciência e discursos populares”, fazendo uma discussão entre dois tipos de letras: criadas principalmente para ser lidas e letras criadas para serem ouvidas no contato face-a-face e compreendidas e, por vezes, memorizadas de imediato. As primeiras seriam, basicamente, expressão do modelo hegemônico, moderno e escolarizado. Exemplos citados seriam as do Tropicalismo. As outras poderiam ser vinculadas ao modelo *popular*.

O engendramento de um conto/capítulo do livro *Infância* de Graciliano Ramos publicado em partes, em jornais da época, é abordado a partir dos conceitos bakhtinianos acerca dos gêneros do discurso. Sandro Braga em “Ciranda cirandinha: os movimentos de leitura na Infância de Graciliano Ramos” faz um curioso exercício crítico, utilizando-se de estudos de Márcia Cabral da Silva. Indaga: “Tomando a obra em conjunto, a qual gênero discursivo, pelo viés literário, estaria inscrito *Infância*? Romance, Memórias, autobiografia? Coletânea de contos?” (p.447). Fica o convite à leitura do texto para saber a que conclusão chegou o autor.

Um texto crítico informativo sobre a literatura para crianças produzida nas jovens nações africanas de língua portuguesa é apresentado por Simone Caputo Gomes, denominado “Algumas linhas para abordagem da literatura infantil e juvenil na África de língua portuguesa”. Após a leitura do mesmo, dá vontade de percorrer os autores e obras apresentadas de forma sucinta, porém consistente, que começa por *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela

(escritor angolano) e perpassa pelos cinco países africanos de língua portuguesa. Destaque pelo conhecimento profundo e identidade que a autora tem com Cabo Verde. Destaco uma passagem conclusiva: “À medida que se sedimentam as imagens de cada uma das nações africanas de língua oficial portuguesa, (...) os textos afundam suas raízes nos universos respectivos, assumindo autonomias temáticas, contextuais e formais” (p. 463).

O trigésimo quinto texto denominado “Relações entre literatura infantil e saúde: Lúcia Góes “brinca de médico” e não sabe”, de Tatiana Piccardi, faz uma abordagem linguística acerca da obra *Trim* (1982). Afirma a autora: “Imaginei que *Trim*, sem voz, pode ser a voz de muitas crianças ainda hoje e inspirar ações verdadeiramente inclusivas por parte de professores e pais preocupados com o destino de seus filhos “diferentes” (p. 470)”. Finaliza dizendo que “o livro é não apenas uma lição de vida, mas uma lição cujos efeitos perlocucionários podem ser amplificados”. (p.479).

Com o título “A banda” e “Alegria alegria”: a representação da transitoriedade do mundo moderno”, Tereza Maria de Paula Cavalari Telles aborda, como se fossem poemas, composições de Chico Buarque e Caetano Veloso. Para ela: “Duas razões conduzem à caracterização de *A banda* como poesia nostálgica: a utilização de motivos que são arquétipos da sociedade pré-industrial e a postura do Eu, que manifesta o desejo de retorno ao passado”. (p.489). Sobre a outra: “a letra de *Alegria alegria* representa a realidade urbana, múltipla e fragmentada, manifestada através de uma linguagem nova, também fragmentada” (p.492).

O antepenúltimo capítulo denomina-se “O olhar de descoberta de Lúcia Góes”, escrito por Vânia Marta Resende. Este (re)trabalha um conceito empregado pela autora homenageada deste livro. Pondera que “Lúcia tanto teorizou quanto realizou a experiência interpretativa atenta a dimensões analógicas e polifônicas para as linguagens em diálogo, desenvolvendo modos de leitura inter-relacionais para a forma de composição múltipla” (p. 498). Trata-se de um texto depoimento que se sustenta pelo olhar de descoberta, posto que a autora acompanhou os passos críticos, literários e pedagógicos de Góes por diversas ocasiões.

O penúltimo capítulo traz “O conto popular como resgate de forma do mito Eros e Psiquê: as invariantes e o esquema “melusiano”, de autoria de Vera Lucia de Carvalho Marchezi. Cita uma disciplina ministrada por Lúcia Góes, na qual foi apresentado o conto “A mãe d’água”. Carvalho mostra “que a efabulação está confusa, parecendo conter pedaços de vários, no entanto menciona ser difícil visualizar a incompletude e a desarticulação destacadas por Câmara Cascudo” (p.511). Destaca que, segundo Cascudo, “o mito da bela mulher que canta em busca do amor impossível está presente no mundo todo” (p. 519). E que, “no mito, a passagem final de um mundo para outro se dá num movimento contrário ao do conto” (p.521). Fica o convite à leitura.

O último capítulo denomina-se “Poder do imaginário e a magia dos contadores de histórias”, de autoria de Zenaide Bassi Ribeiro Soares. Destaca que “o homem, criador de mitos, passa a ser também governado por eles” e que “na união cósmica, alcança a fusão do sonho e com a substância da vida, como ocorreu na sociedade moderna, ao criar o cinema e transformá-lo no herdeiro do feiticeiro arcaico que, em dias, horas e lugares marcados, reconta velhas histórias” (p. 533). Essas histórias são recontadas por alguns dos 1200 idosos que participaram de uma pesquisa, na qual se declaravam amantes do cinema. Esta foi realizada em São Paulo, no período de 1993-1995. Entre outras interessantes discussões está a da velhice confrontada com a eterna juventude dos astros de Hollywood. Faz-nos lembrar da pintura que “envelhecia” enquanto Dorian Gray permanecia eternamente jovem. Assim é a magia dos heróis do cinema.

E assim chegamos ao final de uma longa resenha dividida em duas partes de um livro não menos longo, porém necessário como justa homenagem a uma professora escritora, crítica e importante personalidade cultural, sobretudo no ramo da literatura infantil e juvenil. *Tecendo literatura: entre vozes e olhares* que teve no bojo de sua proposta apresentar novidades críticas que permanecerão novidades (naturalmente penso no conceito poundiano: “Literatura é novidade que permanece novidade”). Penso que os organizadores, juntamente com os autores convidados desse livro, foram bem além de uma homenagem a Lúcia Góes. Fizeram isso sim um tributo à Literatura. Agora cabe aos leitores comprovarem as impressões deste resenhista.